

RECONHECIMENTO DO MÉRITO



Medalha Mérito Santos-Dumont

No dia 20 de julho, aniversário do Marechal-do-Ar Alberto Santos-Dumont, Patrono da Aeronáutica Brasileira, foi realizada, na Base Aérea do Galeão, a cerimônia de entrega da Medalha Mérito Santos-Dumont a três integrantes da TQP e dois amigos da Turma, por destacados serviços prestados à Instituição. Atos solenes na página 4.

Na foto: (1) Clarindo, 56-137; (2) Brasil, 57-18; (3) Cubas, 58-258; (4) Sra. Neide, Psicóloga do IPA (esposa do Ivan Pereira); e (5) CMG Gusmão, Presidente da AEPCAR.

VENHA PARA O CLUBE



Este é o clima das reuniões mensais realizadas no Clube de Aeronáutica. Na confraternização da terceira terça-feira de julho, registramos a presença sempre amiga dos companheiros que não residem no Rio: 57-13 Nunes, de Maricá-RJ, 57-150 Herbert, de Teresina-PI, 57-167 Pena, de São José do Rio Pardo-SP e 58-257 Éolo, de São José dos Campos-SP.

Concursos de
O CON*DOR

*Pág.4 > Solução Mar-Abr/2005

**"Site" <http://57.bq.org> > Outros

RECORDAR É VIVER

Mens sana in corpore sano



Esta fotografia leva-nos a reviver grandes emoções das competições desportivas "Troféu Tenente Lima Mendes". Em 1957, simbolizando a abertura das competições, o destacado atleta 56-109 Thomé acende a pira olímpica. Em solução de concursos, no O CON*DOR de Natal de 2004, identificamos os craques de nossa Esquadrilha em diversos esportes. Neste número, dedicamos um espaço para narrarmos alguns fatos pitorescos protagonizados por participantes daquelas competições da EPCAR.

DIA DO AMIGO

No dia 20 de julho, dezenas de e-mails circularam pela internet, na comemoração do "Dia do Amigo". Parece, a princípio, que é apenas mais uma "data comercial", estimulando a compra de presentes para os amigos, para incrementar o comércio. Mas, por feliz coincidência, a data é aniversário de um grande companheiro, completando justamente a marca de 65 anos muito bem vividos. Para se falar de **amizade**, basta inspirar-se neste amigo, que é unanimidade na Turma.

Wilson Tarugo



O 57-27 ganhou este apelido por sua complexão robusta, mas de baixa estatura (não chegava a ser baixinho) e atarracado, com pernas curtas e muito musculosas. Este carioca, batizado, simplesmente, Wilson Martins, por certo adquiriu força nas pernas jogando peladas nos arredores de sua casa e futebol de verdade no ginásio, pois já tinha intimidade com a bola e com as chuteiras. Desde BQ, embora não houvesse futebol na programação da Escola, logo se organizou um time para competir na Cidade. E o Wilson ganhou a posição de meia-esquerda, permanecendo titular da camisa número 10 até ser declarado aspirante-a-oficial. Ele descobriu que pernas curtas são ideais para corredores velocistas. Foi só treinar a largada e a respiração para sagrar-se campeão na modalidade de 100 metros. No concurso de O CON*DOR sobre a “Lima Mendes”, não demos crédito ao Wilson, no atletismo, na modalidade de lançamento de dardo. Imaginávamos que essa prática era de domínio apenas dos matogrossenses. Mas, na verdade, o atleta tinha de “ter braço” e estilo, como a foto ao acima bem demonstra.

Ungaretti, o saltador

Também ao Ungaretti (57-98) devemos dar mais um crédito no atletismo, na modalidade de salto com vara. Como sabemos, dedicou-se às corridas, destacando-se nos 800 metros. Com suas pernas longas, andou tentado o salto em altura juntamente com o Alves da Silva, o Azuaga Ayres e o Nazareth. Por falta de competidores, foi convencido a disputar o salto com vara. Logo compreendeu porque não havia voluntários para a prova: tinha de correr com aquela vara enorme (e pesada, na época), cravá-la no chão no ponto preciso, impulsionar o corpo no momento certo, contorcer-se no ar para ultrapassar a barra sem

FATOS PITORESCOS

tocá-la e depois “se virar” para cair sem se machucar, na caixa de areia (não havia colchões de ar ou espuma, para a queda, como atualmente). Até hoje, esse gaúcho corredor e saltador comenta a inusitada experiência. Tudo pela Esquadrilha!

A corrida fatídica

Não havia atletas para competir os 300 metros (a modalidade que substituíam os 400 metros das olimpíadas). Decidiu o Cap. Dário para que a 3ª Esquadrilha pudesse participar da prova, escalar o João Carlos e o Drummond para representá-la. Uma pequena dificuldade era que eles não haviam treinado para essa modalidade, apenas para os 100 metros. Não era importante ganhar, bastava participar, ficou subentendido. Só que os bravos atletas assim não entenderam. Para eles, guerreiro entra na arena para vencer a luta...ou morrer. E esta alternativa quase aconteceu. Dada a largada, os dois “saíram na toda”, no mesmo pique programado para os 100 metros. Chegaram a pensar que estavam em vantagem ao observarem a suave cadência de seus adversários. Na metade do percurso, os alunos do 2º ano começaram a distanciar-se, à frente, sempre mantendo o ritmo da largada. Faltando uns 20 metros, o Drummond “tropeçou nas próprias pernas” e caiu, não completando a prova. O João Carlos ainda conseguiu chegar ao final, com falta de ar e vomitando, teve de ser reanimado pela equipe médica com boa quantidade de oxigênio. Depois dessa, desistiu de ser corredor. O Drummond, no ano seguinte, veio a tornar-se campeão nos 100 metros, cuidando de manter em forma as suas famosas pernas.

O Bicho Malandrinho

Eu tinha-me preparado muito para aquela competição. Estava ansioso para mostrar meus méritos naquele *Cross Country*, uma das provas da competição “Lima Mendes”. Fomos levados para um ponto distante da BR3 (aquela mesma rodovia que ficou famosa num festival da canção na voz do Tony Tornado), hoje conhecida como BR040. Durante o aquecimento, éramos uns sessenta competidores das duas esquadrilhas, e aguardávamos a ordem de partida, quando fui abordado pelo “Macaco” 55-68, famoso veterano!...

“- Bicho, você sabe que o tenho ‘peixado’ por ser também 68, mas aqui vai ser diferente. Não quero ver você na minha frente!” Recebido o recado, não demorei muito para a largada. Consegui partir no pelotão principal, como havia planejado. Tão logo deixamos a estrada para trás, tomamos a direção de Barbacena. À medida em que o tempo passava, o meu pelotão ficava cada vez menor, e eu ainda

estava lá... É bem verdade que alguns competidores já se sobressaíam à frente. Não demorou muito, alcançamos os Arcos da entrada da cidade, aí já desenvolvíamos um ritmo mais forçado. Conseguia ultrapassar alguns, quando me deparei com o “Macaco” ao meu lado, com “aquele olhar de amor”, que só um veterano sabe jogar para um bicho... Como bom malandro fiquei na minha, e embora um pouco atrás, coleei nele, e sempre forçando, seguimos em frente. Na última rua (não me lembro mais de seu nome), que era uma reta que ladeava a Praça de Esportes, havia uma calçada bem estreita, que foi logo assumida pelo meu concorrente. A mim, restou correr pelo caminho pior, pela rua de pedra tosca, junto ao meio fio. Não demorou muito, deu para vislumbrar a esquina, que dava para a rua que passa em frente à Praça de Esportes. Lá estava ela, a esquina, com um poste bem na beira da calçada, junto ao meio fio. Rapidamente, tracei meu plano. Ao atingir a esquina, segurei o poste e dei um giro de 90º, e parti num *sprint* derradeiro, até entrar na Praça de Esportes, onde havia o funil de chegada. Ultrapassada a linha final, recebi uma senha com a minha colocação. Qual não foi minha satisfação ao verificar que tinha chegado numa das últimas posições, mas que ainda pontuavam. Feita a chamada, conferido os pontos, a 3ª Esquadrilha havia ganhado a competição, uma das poucas provas coletivas vencidas por nós, naqueles jogos. Foi uma festa, e eu exultante por ter colaborado para tal classificação, embora nosso comandante nos lembrasse que esta prova era “comum ser vencida pelos calouros, já que contava principalmente com a garra”.

Mas meu maior problema ainda estava por vir: “-Bicho f.d.p.! Como é que você me ultrapassou?”

Virei-me e dei de cara com ele, o “Macaco” em pessoa, com aquela cara furibunda, que não dá para ninguém esquecer. Ao perceber que ele não me tinha visto ultrapassá-lo, joguei a culpa num possível erro na distribuição das senhas de chegada, etc. etc... Sempre com aquela minha cara de besta, que muito me serviu em toda a minha vida, eu consegui “enrolar” o veterano. Não me esqueço até hoje daquela cena, ao fazer o giro no bendito poste, ver o “Macaco” e mais alguns outros escaparem, “catando cavaco”, até o extremo oposto da rua, em completo desequilíbrio, dada a velocidade em que vinham pela calçada.

Aluno 57-68, Silva Campos

AMIGOS

Dia do Amigo – Não me sensibilizaram mensagens acompanhadas de melosos *power-points* com figurinhas de anjos, flores, por-de-sóis e musiquinhas piegas, porém, a chegada constante de e-mails fixou a palavra **amigo** na minha mente. Ao longo daquele dia 20, consultando a lista dos aniversariantes do dia na página da Turma Quase Perfeita na internet, verifiquei que era o aniversário do Campão, o nosso querido amigo 57-24, Edson Campos dos Reis.

Passei, então, a divagar sobre as verdadeiras amizades que enriqueceram a minha vida e o por quê delas se terem mantido vivas ao longo dos anos. Tendo a sempre risonha figura do Reis como modelo em minha mente, fui chegando a algumas conclusões sobre a amizade. Entramos meninos na EPCAR. Vínhamos de diferentes pontos do Brasil, mas tínhamos o mesmo sonho.

Esse foi o cimento que nos uniu. Estávamos, meio assustados, receptivos a fazer amizades que tornassem a nossa vida menos dura. Em pouco tempo fomos reunindo em grupos de pessoas afins. Essas amizades criaram raízes profundas que as mantiveram vivas ao longo do tempo. Os novos amigos-colegas que ganhamos a partir daquele momento não nos fizeram perder o que já tínhamos. Recebíamos um primeiro ensinamento: a amizade não é ciumenta. Ficamos felizes por nossos amigos terem outros amigos, mesmo que não os compartilhemos.

Quais qualidades enxergamos em nossos amigos? Que palavras ou sentimentos nos vêm imediatamente à mente quando pensamos neles? Por que um **amigo nos dá razão mesmo quando não a temos**? Associamos à amizade sentimentos como o carinho, a confiança, a lealdade, o amor, a segurança e a proteção. Ao longo do tempo, notamos que a amizade se fortalece. Muitos sentem mais afinidades por determinados amigos do que por parentes, mesmo que sejam tão próximos como um irmão. Quais são os pilares que suportam uma amizade que, diferentemente do amor, reconhecemos como eterna?

A amizade deve ser cultivada e seus adubos são simples. Não há uma ordem determinada para a sua citação. Começemos com a **reciprocidade**, o que não significa que a cada gesto de apoio recebido tenhamos a obrigação de retribuir. Muitas vezes, só vamos retribuir favores recebidos de amigos muitos anos depois de os recebermos, em ocasiões em que os amigos estiverem necessitados. Temos de estar atentos para que a amizade não se transforme numa via de mão única e nem que se chegue à obrigação de retribuir ao amigo, instantaneamente, cada atenção recebida. Devemos, isso sim, estar sempre disponíveis e atentos para cuidar dos amigos quando eles precisem...

Outros adubos importantes são a **aceitação** e o **respeito**, necessários em todo relacionamento. Pessoas têm seus limites e esses limites sempre devem ser respeitados. Os amigos se aceitam como eles são, dando-se mutuamente espaço para que cada um seja ele mesmo, sempre com muito carinho, dedicação e amor no coração.

A **tolerância** deve ser contínua. Somos falíveis seres humanos. Nenhum de nós vive permanentemente de bom humor, cheio de animação e alegria. Haverá dias de tristezas e de amarguras. Além disso, mesmo entre amigos, os temperamentos e as conseqüentes atitudes são diferentes. Precisamos aceitar, com compreensão e tolerância, esses momentos mais difíceis de nossos amigos. Mais cedo ou mais tarde eles nos retribuirão. É preciso ter a **humildade** de confessar coisas simples: Eu ando negligenciando nossa amizade, você me permite recuperar esse tempo perdido? Eu não consigo, você me ajuda? Eu não sei, você me ensina? Eu erre, você me perdoadá? Eu não fui legal com você, me dá outra chance? Eu disse o que não devia, você pode esquecer? Ser humilde não significa humilhar-se, significa provar ao outro o seu grau de importância na nossa vida. A perfeição não existe. Todos temos falhas, enormes falhas. Nunca estamos certos o tempo todo. Em algum momento, o nosso amigo é que será a parte certa e, por mais que o nosso orgulho nos impeça de dizer, teremos de aceitar. A humildade há de se fazer presente sempre. Amigos que não convivem com isso, dificilmente conseguirão levar esse relacionamento avante. Amigos não se orgulham de ter **orgulho**, eles se orgulham de passar por cima dele, no momento que se fizer necessário. Amigos se orgulham dos amigos que têm, aceitando todos os seus defeitos.

Há de se entender que a amizade não é algo somente que nos traz alegrias o tempo todo. E esse é o maior desafio dela. Somos pessoas comuns, falíveis (insistimos). Nossas amizades, com certeza, terão altos e baixos, atravessarão muitas tormentas, despencarão em abismos, se arrastarão, pois são vulneráveis. Contudo, a verdadeira amizade sempre há de voltar, mesmo ferida, de muletas, envolta em sangue. E há de encontrar o também verdadeiro amigo esperando com gaze e esparadrapo nas mãos e com o perdão e o amor no coração. Amigos não cobram, não exigem presença, não reclamam. Amigos sabem esperar que os corações dos amigos voltem de seus vãos quando eles acharem que devem retornar.

Naquela tarde do dia 7 de março de 1957, chegamos emocionados à EPCAR e fomos incluídos na 3ª Esquadilha. Ainda não conhecíamos o verso do Hino Bandeirantes do Ar que afirma “a Esquadilha é um punhado de amigos”, mas sentíamos que estávamos no lugar certo e com os companheiros certos. Naturalmente, as amizades desabrocharam e nos acompanham por todas as nossas vidas, risonhas, fortes, tranqüilas... Dentre os amigos que todos lá ganhamos, e que nunca perdemos, destaca-se um menino muito especial, o motivo que me levou a escrever alguns tópicos sobre a amizade. Ele traz dentro de sua personalidade mais do que as qualidades dos verdadeiros amigos que examinamos acima. Ele é, também, gentil, inteligente, afável no trato e prestativo. Sempre está sorrindo, brincando e fazendo seus amigos felizes. O Campão é um símbolo da nossa madura amizade juvenil. Deus, que escreve certo e nem sempre por linhas tortas, programou-o para nascer no futuro dia do amigo e para ser amigo de todos nós. Obrigado, Deus. Obrigado, Edson Campos dos Reis, nosso amigo.

57-18 Brasil



Pensamento de O CON*DOR

Nossa Turma, nosso patrimônio.

O companheiro Reis (57-24), na mais significativa sentença publicada. (Sempre oportuna).

AUTORIDADES

O Escritor



Clarindo dos Santos, nascido em Campos dos Goytacazes - RJ e criado no Rio de Janeiro, ingressou na Força Aérea em 1955, como soldado, tendo integrado o primeiro contingente militar do DCI. Matriculou-se na EPCAR em 1956, foi eleito Presidente da Sociedade Acadêmica no final de 1957. Em 1958, desligou-se da Escola, mas declarou que “saiu para ficar...”. De fato, nunca deixou a FAB, a que dedica imenso carinho, chegando a afirmar que “não se precisa de avião para voar”. Seu famoso livro *Memórias de um BQano* foi o início de sua carreira literária, interrompida, vez por outra, por suas atividades empresariais. Em sua bibliografia, registram-se cinco livros editados e dezenas de poesias, crônicas e contos publicados. No momento, está ultimando uma obra versando sobre fatos históricos da Aeronáutica, protagonizados por um de seus ícones. Aguardem o lançamento do livro *Ágape para Ícaro*, que o consagrará como Historiador da Força Aérea.

O Engenheiro



Antonio Carlos de Assis Brasil, nascido em Porto Alegre- RS, formou-se pela AMAN, em 1962, na Arma de Comunicações. Ainda como Tenente, cursou o IME, passando ao QEM. Durante longo tempo, foi professor daquele conceituado Instituto, mesmo quando exercia as funções de alta responsabilidade de operar e manter todo o sistema de telecomunicações do Exército. Passou à reserva no posto de tenente-coronel, para dedicar-se a atividades empresariais ligadas a sua especialidade de Engenheiro de Comunicações. É outro companheiro que sempre declarou seu amor pela Força Aérea, tendo afirmado, em várias oportunidades, que “não era do Exército, estava no Exército”. Como *webmaster* da Turma, muito se empenha por sua integração. Em maio deste ano, durante o 23º Congresso Brasileiro de Radiodifusão, recebeu um prêmio da ABERT pelo seu trabalho em prol da Engenharia de Radiodifusão, homenagem esta conferida a apenas quatro brasileiros.

O Médico



Danilo Eduardo Pinheiro Cubas, nascido em Joinville-SC e criado no Rio de Janeiro, é um dos mais queridos “para-que-distas” da nossa Turma. Médico Gastroenterologista e experiente Clínico Geral, dedicou 30 anos de sua carreira ao Hospital Silvestre. Pela atenção que dedica aos idosos, foi declarado “Médico Geriatra da Turma”. Sua vibração pela Aviação foi revelada na sua crônica “Minha Baratéia”, narrando um “GP” dado em seu primeiro licenciamento. Com justo orgulho, narra sua reaproximação com a FAB, através do Projeto Rondon. Fala, também, de suas peripécias ao pilotar um ultraleve. Após sua aposentadoria, retornou às origens, ao ser convidado pela Prefeitura de Barbacena para desenvolver importante projeto assistencial. Frequentemente, visita a EPCAR e não perde uma solenidade. Cuida bem dos idosos, mas adora o contato com a juventude.

CONCURSO O CON*DOR

Solução do Concurso de Mar-Abr/2005

Na EPCAR, o Dr. Celso era o professor de Ciências Naturais. Na parte de Anatomia, ao ministrar as aulas sobre as funções dos órgãos, procurava despertar o interesse dos alunos por dois temas de sua particular preferência. Pergunta-se: que temas eram esses, a que nosso simpático médico-professor atribuía tanta importância. Os vencedores receberão um artigo versando sobre os temas propostos.

Nosso colega Boaz Ungaretti foi o vencedor deste concurso. Relembramos que, no 2º ano, nosso querido Prof. Celso ensinou tudo a respeito de órgãos reprodutores, chegando a comentar sobre uma paciente que atendera, uma senhora afro-descendente portadora de hermafroditismo, degenerescência biológica em que o ente possui órgãos dos dois sexos. No caso, seria um paciente, porquanto se revelou a predominância do órgão masculino. Outro tema da preferência do Dr. Celso era, ao ensinar sobre o aparelho digestivo, falar da necessidade de o ser humano defecar regularmente, no mínimo duas vezes ao dia, para não haver reabsorção de matéria tóxica, ou lá o que seja, contida nas fezes. Ele não estava falando para bebês, mas para militares submetidos a rigoroso regime de instrução, que mal conseguiam um tempinho para exercerem o sagrado direito de sentar no vaso sanitário, para “jogar um barro na louça”, como os alunos costumavam falar.